

## **Imprensa, mercado editorial de livros didáticos e culturas letradas no Rio de Janeiro, 1870-1920**

Alexandra Lima da Silva\*

Refletir sobre os significados da proliferação de materiais impressos na cidade do Rio de Janeiro- com ênfase aos periódicos e livros didáticos- eis o que objetiva o presente trabalho. Em uma pesquisa anterior,<sup>1</sup> analisei o florescimento do mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil, concluindo, dentre outras questões, que o livro didático entre finais do século XIX e inícios do século XX constituía-se um produto de massas, atingindo diferentes públicos e fins, sobretudo em função dos alcances e circulação pelo país.

Seguindo este percurso, outras questões se fizeram urgentes e fundamentais para o entendimento da inserção de diferentes sujeitos e grupos sociais nas culturas letradas em construção neste processo, num movimento de articulações dos “circuitos de comunicação social,” a partir da “formação de novos grupos produtores (autores, editores, jornalistas) e difusores (livrarias, bibliotecas, associações, escolas) de materiais impressos de natureza diversa (livros, folhetos, periódicos)”.<sup>2</sup>

Dentre a produção historiográfica cujas balizas temporais são o final do século XIX e início do século XX, muitos são os autores que se destacam por abordar os significados sociais da cultura letrada produzida e consumida no período. Deste modo, o pioneiro trabalho de Nicolau Sevcenko ajuda no entendimento das clivagens existentes entre os intelectuais que utilizavam a palavra como ferramenta política na cidade do Rio de Janeiro, numa compreensão da complexidade desta categoria de análise, sobretudo no engajamento político ou não dos literatos.<sup>3</sup>

Por sua vez, trabalhos recentes, como os de Alessandra El Far<sup>4</sup> apontam para a expansão do mercado livreiro nos setores populares. Já o trabalho de Mônica Veloso centra suas análises nos “intelectuais-humoristas” que se valeram do humor como forma de

---

\* Bacharel, Licenciada e Mestre em História Social /UFF.

<sup>1</sup> SILVA, Alexandra Lima da. *Ensino e mercado editorial de livros didáticos de História do Brasil. Rio de Janeiro, 1870-1924*. Dissertação de Mestrado. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2008.

<sup>2</sup> MACIEL, Laura Antunes. “De ‘o povo não sabe ler’ a uma história dos trabalhadores da palavra”. In: MACIEL, Laura Antunes, Paulo Roberto de Almeida, Yara Aun Khoury.(Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p. 212

<sup>3</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

<sup>4</sup> EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: Literatura popular e erótica no Rio de Janeiro (1970-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

intervenção social.<sup>5</sup> Por sua vez, Ângela Alonso analisa os diferentes grupos que compunham a dita geração de 1870 (liberais republicanos, novos liberais, positivistas abolicionistas, federalistas positivistas do Rio Grande do Sul e federalistas científicos de São Paulo) destacando a experiência comum de “marginalização política”.<sup>6</sup> Carolina Vianna Dutra aborda as ações dos intelectuais em periódicos, pensando como isto a construção da mestiçagem, história, folclore e identidade nacional<sup>7</sup>. No trabalho da pesquisadora Marialva Barbosa (2000)<sup>8</sup>, o foco são os cinco periódicos de maior circulação no Rio de Janeiro entre 1880 e 1920 – *O País*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias* e *Correio da Manhã* – para reconstruir a história da imprensa da capital federal sob a ótica dos leitores.

Por outro lado, autores como Eliana Dutra (2005)<sup>9</sup> e Tânia Regina de Lucca (1999)<sup>10</sup> salientam o caráter opinativo das revistas na Primeira República. Seja analisando o *Almanaque Brasileiro Garnier* seja investigando a *Revista do Brasil*, as duas autoras ressaltam o papel de imprensa como propagadora de representações e projetos para o Brasil, constituindo-se em veículos de formação de uma consciência nacional vinculada àquilo que Benedict Anderson (2008)<sup>11</sup> denominou de comunidade política imaginada.

De um modo geral, os trabalhos sobre “mundo das letras” e intelectuais na primeira República tendem a explorar as ações destes na literatura e em periódicos, como se outros meios de circulação da palavra impressa não compusessem o universo social da cultura letrada.

Todavia, a preocupação deste trabalho é justamente inserir a produção de livros didáticos como forma de luta e engajamento, não somente entre aqueles “homens de letras” e intelectuais consagrados, pensando a escrita de manuais didáticos como parte da cultura letrada na cidade do Rio de Janeiro em finais do século XIX e inícios do XX. Deste modo, o estudo de Heloísa de Faria Cruz traz uma importante contribuição com suas análises sobre os múltiplos usos sociais da “cultura letrada” em grupos sociais distintos:

---

<sup>5</sup> VELOSO, Mônica. *Modernismo no Rio de Janeiro*: Rio de Janeiro: Ed Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996.

<sup>6</sup> ALONSO, Ângela *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 392 p.

<sup>7</sup> DANTAS, Carolina Vianna. Brasil “café com leite”: história, folclore, mestiçagem e identidade nacional em periódicos-Rio de Janeiro, 1903-1914. Niterói, Tese (Doutorado em História), UFF, 2007.

<sup>8</sup> BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: poder, imprensa e público*. Niterói: Vício de Leitura, 2000.

<sup>9</sup> DUTRA, Eliana de Freitas. *Rebeldes literários da República: História e identidade nacional no Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914)*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

<sup>10</sup> LUCCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N) ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

<sup>11</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

*Nessa conjuntura, a difusão e ‘popularização’ da cultura letrada via processos como a escolarização em massa, o desenvolvimento da linguagem comercial da propaganda e a formação de uma imprensa comercial colocam-se como questões importantes para a compreensão das novas redes de comunicação social na metrópole e das relações de poder aí emergente.*<sup>12</sup>

Não obstante às contribuições dos trabalhos analisados, a preocupação da presente reflexão é inscrever a produção do conhecimento histórico via livros didáticos no âmbito das lutas sociais, com ênfase para os lugares sociais dos sujeitos, tais como autores, editores, professores, alunos, inspetores de instrução, dentre outros, num enfoque que privilegie as articulações da escrita do livro didático no âmbito da cultura letrada, que não se limitava às produções do “círculo dos sábios”, como muitos estudos têm pontuado.

As articulações entre imprensa e mercado editorial de livros didáticos são aqui pontuadas, por defender que estes eram meios “fundamentais ao exercício profissional dos homens de letras da Primeira Republica”,<sup>13</sup> uma vez que os jornais, as revistas, os livros didáticos, dentre outros, funcionavam não somente como espaços de sociabilidade e divulgação de idéias, mas como meio de sobrevivência e visibilidade para muitos sujeitos.

No que tange ao “público leitor” de textos impressos, é importante refletir sobre a possibilidade de uma ampliação e diversificação do público leitor de um modo geral, extrapolando as instituições de ensino oficiais da época, indicando com isto o desenvolvimento de diferentes modos e usos da leitura a partir da segunda metade do século XIX, no que a possibilidade do autodidatismo torna-se essencial, porque nos faz pensar como estes sujeitos apropriaram-se das diferentes memórias, não apenas a oficial.

### **- Imprensa e mercado editorial de livros didáticos: algumas considerações**

De acordo com os dados do recenseamento da população, a cidade do Rio de Janeiro em finais do século XIX e inícios do século XX apresentava as menores taxas de analfabetismo do país. Em 1920, num universo de 1. 157.141 de habitantes, 61,1% das pessoas eram alfabetizadas, superando o número de “iletrados” na cidade. Estas taxas eram as mais baixas do país e mostram o crescimento contínuo da população alfabetizada no Rio de

---

<sup>12</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana-1890-1915*. São Paulo :EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial de São Paulo, 2000, p.36.

<sup>13</sup> TENÓRIO, Guilherme Mendes. *Zé Povo cidadão: humor e política nas páginas d’ O Malho*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado em História, UERJ, 2009.

Janeiro que, em princípio, já dominava as primeiras letras ou, pelo menos, podia ler e ter acesso a textos impressos.<sup>14</sup>

Para compreender este processo, defendo a ampliação nas redes de ensino, por um lado, e por outro, a circulação de materiais impressos para um público variado, sobretudo de livros didáticos e periódicos de um modo geral.

Inúmeros aspectos contribuíram para a ampliação e diversificação do público leitor na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, convém atentar para aspectos como preço e tiragens dos livros didáticos e dos periódicos, o que nos ajuda a dimensionar as possibilidades de difusão dos mesmos.

Segundo Circe Bittencourt, os livros (romances, contos, etc) publicados no Brasil possuíam tiragem média de 1.000 exemplares. Entretanto, os livros didáticos tinham tiragens maiores, e muitas reedições.<sup>15</sup> No tocante aos periódicos, dados referentes aos anos de 1905 e 1906 indicam entre 35.000 e 40.000 exemplares a cada número, o que não ficava muito distante dos 30.000 atingidos pelo *Jornal do Brasil* ainda no início do século.<sup>16</sup>

Ainda em relação aos livros didáticos, muitos chegavam às 10.000 tiragens por edição, com muitas reedições durante anos e utilizados por gerações<sup>17</sup>:

*Esta segunda edição da Pequena História do Brasil por perguntas e respostas, o autor a publica debaixo da mais grata satisfação que lhe causou a notícia de haver a sua obrinha merecido a insigne honra de ser aprovada pelo Conselho Superior da Instrução Pública. Foi também animado a empreendê-la pelo lisonjeiro acolhimento que ela obteve junto dos Srs Professores e Diretores de Colégios, a quem se deve o grande resultado de se ter em poucos anos esgotado a primeira edição, que foi de dez mil exemplares.<sup>18</sup>*

Já o *Compêndio de história do Brasil* de Mário da Veiga Cabral chegava a sua 6ª edição em 1929 com uma marca de 60.000 exemplares e uma média de 10.000 exemplares por tiragem desde sua primeira edição em 1920. Ainda em relação às obras deste autor, em

---

<sup>14</sup> *Synopse do recenseamento realizado em 1º de setembro de 1920*. Imprensa: Rio de Janeiro, Typ. da Estatística, 1925. Apud: DAMAZIO, Sylvia. *Retrato social do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996, pp. 125-126.

<sup>15</sup> BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993 p. 108.

<sup>16</sup> Apud BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-200*. Rio de Janeiro: Maud X, 2007.

<sup>17</sup> SILVA, Alexandra. Op. Cit., p.74.

<sup>18</sup> Nota à segunda edição em 1880, da *Pequena História do Brasil por perguntas e respostas para uso da infância brasileira*, de Joaquim Maria de Lacerda. Grifos meus.

1924 alguns títulos de seus livros após sucessivas reedições, alcançavam marcas de 100.000 tiragens. Este foi o caso do *Compêndio de Corografia do Brasil*, que alcançava com a sétima edição em 1924, o 100º milheiro. Os seus outros livros didáticos também vendiam bem: a 3ª edição do *Compêndio de história do Brasil* ilustrada com 128 gravuras atingia o 30º milheiro; *Nossa Pátria*, em sua 2ª edição, o 10º milheiro; e a *Pequena história do Brasil*, o 5º milheiro.

Acompanhando as reedições de livros didáticos, observa-se que os intervalos entre uma edição e outra eram pequenos, o tempo de esgotar a edição anterior, em torno de um ano. Em termos de exemplificação, o livro *Pequena história do Brasil* teve da primeira edição, em 1923, a última, em 1951, 19 edições.

Além do elevado número de tiragens dos livros didáticos, havia uma atenção especial ao tamanho e preços neste tipo de livro. Sobretudo com a ampliação da rede escolar elementar e formal, os livros didáticos e cartilhas para o “povo” eram anunciados “a preços módicos,” com a preocupação de torná-los acessíveis a todos os bolsos e classes.

Por seu turno, enquanto a revista *Fon-Fon* começara com o preço de \$400 réis em 1907, a revista *O Malho* era vendida inicialmente por \$200 e manteve o valor de \$300 réis entre 1904 e 1910, o que equivalia ao custo do transporte público da época.<sup>19</sup> Já a assinatura anual correspondia aos montantes de 15\$000 e 25\$000 para o interior e o exterior respectivamente. Além disso, o mercado jornalístico era importante fonte de renda para muitos. De acordo com Maria de Lourdes Eleutério, o *Jornal do Comércio*, por exemplo, pagava entre 30\$000, 50\$000 e 60\$000 a colaboração; já o *Correio da Manhã*, pagava 50\$000, enquanto a *Gazeta* chegou a pagar 400\$000 pela colaboração de Alphonsus Guimarães.<sup>20</sup>

Em finais do século XIX, tínhamos os seguintes preços em algumas livrarias: A livraria Garnier anunciava as “obras que se acham à venda na mesma livraria,”<sup>21</sup> com destaque para *Episódios de história pátria*, contados à infância, do Cônego Dr J C Fernandes Pinheiro, 2\$000; *História do Brasil*, contada aos meninos por Estácio de Sá e Menezes, 2\$500; *Lições de História do Brasil*, de Joaquim Manuel de Macedo, 5\$000.

Já em finais do século XIX, o extrato do catálogo da Livraria do Povo, de Quaresma e C, trazia suas “mais recentes edições”: *O Orador do povo*, do Dr Aníbal Demóstenes, custava 3\$000; a *Vida de São Francisco de Paula*, 2\$000; *Lyra Popular*, 3\$000; *Lições de história*

<sup>19</sup> TENÓRIO, Guilherme Mendes. Op. Cit

<sup>20</sup> ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. “Imprensa a serviço do progresso”. IN: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

<sup>21</sup> MACEDO, Joaquim Manuel de. *Lições de história do Brasil* para uso das escolas de instrução primária. Rio de Janeiro: Garnier, 1875.

geral, de Aníbal Mascarenhas, 3\$000; *Contos da Carochinha*, livro para as crianças, 3\$000; *Leituras populares*, \$250.<sup>22</sup> Além de muitos “livros baratíssimos,” abaixo de 1\$000: *Escrava convertida*, \$300; *Súplica de uma mãe*, \$500; *Um drama da escravatura ou as peripécias tristes*, acontecidas em uma fazenda, \$300, dentre outros.<sup>23</sup>

Os preços dos livros neste período pareciam variar de editora para editora, em função do tipo de livro e do público ao qual se destinavam. De fato os livros didáticos e populares eram mais acessíveis que outros produtos na época.

Uma comparação entre os preços de alguns produtos anunciados com preços populares em finais do século XIX, ajuda a compreender os valores fixados para os livros didáticos: 12 retratos custavam 5\$000; 1 jantar barato no Largo da Carioca, 1\$000; e chapéus na Rua Uruguaiana, oscilavam entre 3\$000 a 16\$000.<sup>24</sup> Em relação a outros impressos, muitos dos ditos “livros populares” custavam o mesmo que alguns jornais diários, como o *Jornal do Comércio*, vendido a \$300 o exemplar avulso, ou “ao preço de uma limonada”.<sup>25</sup>

Analisando o custo de vida no Rio de Janeiro em finais do século XIX temos que um professor primário recebia em torno de 150\$000 de salário; um servente, 60\$000; um médico, por volta de 300\$000<sup>26</sup>. Com isto, comprar livros didáticos não era uma realidade incompatível com os distintos salários da época, tendo em vista que existiam livros que custavam menos que 1\$000, valor 60 vezes menor do que o salário médio de um servente, por exemplo.

Já em relação às primeiras décadas do século XX, os preços dos livros aumentaram, mas também aumentaram os valores dos salários. O extrato do catálogo da Livraria Francisco Alves trazia os preços de alguns dos livros didáticos: o livro de composição de Olavo Bilac e Manuel Bomfim custava 4\$000; o Exame de Admissão para os ginásios. Prontuário das matérias exigidas para o exame de admissão no colégio Pedro II, por João Ribeiro e Raja Gabaglia, 3\$000; Provérbios populares, por D Alexina de Magalhães, 2\$000; Cantigas das crianças e do povo (edição ilustrada e com as músicas), por D Alexina de Magalhães e Pinto, 4\$000.<sup>27</sup>

---

<sup>22</sup> *Extrato do Catálogo da Livraria do Povo*. IN: SILVA, Dr José Maria Velho. *Homens e fatos da história pátria*. Biblioteca da livraria do povo. Rio de Janeiro: Livraria do Povo, Quaresma e C- Livreiros-editores, 1895.

<sup>23</sup> “Livros baratíssimos”. *Gazeta de Notícias*, 16/08/1886. Apud: EL FAR, Alessandra. Op.cit, 2004, p. 80.

<sup>24</sup> Fonte: *Gazeta de Notícias*, 12/01/1880, apud: EL FAR, Alessandra. Op. cit, 2004, p. 81.

<sup>25</sup> João do Rio. “Autores e editores. As edições populares.” *O Dia*, 2/07/1901.

<sup>26</sup> DAMAZIO, Sylvania. *Retrato social do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996 p. 48.

<sup>27</sup> Publicado no verso de: LACERDA, Joaquim Maria de. *Pequena história do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1919.

Já a Livraria Jacintho Ribeiro dos Santos anunciava em 1920 os seus livros escolares<sup>28</sup>: *A História do Brasil* de Osório Duque-Estrada, custava 5\$000; *Corografia do Brasil*, de Mario Veiga Cabral, 6\$000; *Nossa pátria*, livro de Mario da Veiga Cabral para os colégios primários, 3\$000; *Pequeno Atlas do Brasil*, 3\$000. Por sua vez, os salários eram os seguintes: 333\$333 para o professor primário; 150\$000 para o servente e 600\$000 para o médico.<sup>29</sup>

Em suma, este trabalho teve por objetivo indicar as possibilidades de consumo e usos dos textos impressos, na emergência da cultura de massas, sem a pretensão, contudo, de ser conclusivo. A partir do cruzamento e da análise dos dados, e respeitando-se as devidas especificidades entre periódicos e livros didáticos, defende-se a intensa circulação de ambos como importante fator na constituição de culturas letradas na cidade do Rio de Janeiro, num processo de lutas e conflitos entre os distintos grupos e experiências sociais.

---

<sup>28</sup> CABRAL, Mario da Veiga. *Compêndio de história do Brasil*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1920.

<sup>29</sup> Fonte: *Intendência Municipal e Boletins*, 1884-1910, Rio de Janeiro.